

# humanitas



Vol. LXIII  
2011

Que mais dizer? Geralmente, um livro desta natureza costuma ser uma espécie de aperitivo para outras viagens. Mas acontece que, se a visita *in loco* ainda pode ser feita no Egipto, já quanto às restantes Maravilhas, só com o auxílio de historiadores, arqueólogos, filólogos podem ser revisitadas. São eles que nos ajudam a imaginar (fantasiar?) a grandiosidade, a riqueza e o esplendor de realizações artísticas do homem que Cronos, devorador dos seus filhos, apagou. Por isso, para recomendar o livro, nada melhor do que as sábias palavras de Fílon de Bizâncio, um escritor que viveu nos séculos III-II a.C., num tempo em que todas as Sete Maravilhas estavam de pé e era, portanto, possível ir visitá-las em turismo, como efectivamente acontecia. Mesmo assim, Fílon como que nos convida a viajar e a aprender sem sair de casa:

“(…) **é coisa admirável e generosa a educação**, porque ao livrar o homem da caminhada, mostra-lhe a beleza em casa, concedendo olhos à alma. É um facto extraordinário, pois quem vai até aos lugares e os vê uma vez, ao partir logo os esquece. Não retém, de facto, os traços exactos das obras e as recordações sobre cada detalhe escapam-se. Mas quem procura **conhecer pela leitura** o que é maravilhoso e a virtude da sua construção, ao contemplar, como se visse num espelho, todo o trabalho de arte, guarda indeléveis as impressões sobre cada uma das imagens. Pois vê com a alma coisas extraordinárias.” (tradução de M. Luísa Ferreira)

Aqui fica, pois, o convite. É que a leitura deste livro permite que todos possamos ver “com a alma coisas extraordinárias”.

E termino com um agradecimento a toda a equipa que nos proporcionou estudos e textos tão interessantes sobre as *Sete Maravilhas do Mundo Antigo*, em particular na figura do homenageado, o Prof. Doutor José Ribeiro Ferreira.

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

FERREIRA, Luísa de Nazaré, RODRIGUES, Paulo Simões, RODRIGUES, Nuno Simões, *Plutarco e as Artes. Pintura, Cinema e Artes Decorativas*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010, 299 pp. [ISBN 978-989-8281-56-2].

Desde que se iniciou, em 2008, a Colecção *Classica Digitalia* tem vindo a dar novo e arejado impulso à publicação de obras de temática

greco-latina, pelo formato inovador, perfeitamente adaptado às exigências do mundo moderno das novas tecnologias. Autor privilegiado na colecção tem sido Plutarco, ou não dispusesse esta de quase vinte títulos a ele dedicados, acompanhando neste aspecto um destaque que se verifica um pouco por todo o mundo, já que os estudos sobre o Queronense estão a viver um ressurgimento importante neste século XXI, como se pode ver numa rápida consulta à página Web de *The International Plutarch Society*.

Integram este volume três estudos, da autoria, respectivamente, de Luísa Ferreira, Paulo Rodrigues e Nuno Rodrigues, cada um deles centrado num aspecto da influência da obra de Plutarco nas artes. Prefacia o livro Aurelio Pérez Jiménez, Presidente da *Sociedad Española de Plutarquistas*, salientando, desde as suas primeiras palavras, que muito embora os estudos sobre a influência da obra do Queronense sejam abundantes na actualidade, o aspecto referido às artes é, precisamente, o menos abordado, razão pela qual o presente estudo adquire ainda maior valor.

Cada um dos autores centra-se sobre um âmbito distinto. Luísa Ferreira foca a sua atenção num relato muito específico, a lenda de Aríon, tal como é transmitida por Plutarco, analisando a repercussão desta na iconografia e, em termos gerais, a sua representação imagética na arte do Ocidente. Paulo Rodrigues apresenta uma primeira abordagem de um objectivo bem mais ambicioso, examinar a influência das *Vidas Paralelas* na pintura europeia num período mais abrangente do que a Idade Moderna, pois avança até ao séc. XIX. Nuno Rodrigues apresenta um estudo interessantíssimo sobre a recuperação do legado plutarquiano na chamada Sétima Arte, o cinema, tanto de forma directa como indirecta.

O trabalho de Luísa Ferreira tem como título «A lenda de Aríon e a influência de Plutarco na arte ocidental». É certo que o título podia e talvez devesse ser mais restritivo, para não criar expectativas de abrangência demasiado amplas que minguassem o meritório valor do estudo, mas a verdade é que o leitor não fica defraudado por um trabalho que junta a erudição e a novidade ao analisar a recepção deste aspecto particular da obra de Plutarco. A autora começa por uma dupla introdução em que nos expõe, de forma concisa mas completa, por um lado a representação iconográfica do golfinho na tradição grega, incluindo os aspectos simbólicos, os deuses e os mitos que lhe estão associados, e, por outro lado, as fontes literárias e iconográficas da lenda de Aríon, focando mais especificamente as versões de Heródoto e Plutarco. A parte mais interessante do estudo é a final, onde Luísa Ferreira analisa vários exemplos de recepção da lenda,

provenientes sem dúvida da versão plutarquiana, e que não aparecem no célebre catálogo de Oxford de Jane Reid sobre a mitologia clássica nas artes. Para além de alguma pintura mencionada, chama a atenção e constitui a maior novidade do artigo a análise de colchas indo-portuguesas que incluem o referido mito. É particularmente interessante também o exemplo de uma ópera recente de Vikram Seth que recolhe o tema de Aríon. O estudo é completado por dois anexos; no primeiro são apresentadas as traduções dos passos antigos mais importantes como fontes da lenda, os textos de Heródoto (*Histórias* 1. 23-24), Plutarco (*O banquete dos Sete Sábios*, 18.160e-19.162b) e Cláudio Eliano (*Natureza dos animais*, 12.45 = fr. 939 PMG); o segundo anexo serve para enquadrar a parte mais interessante do artigo, ao tratar da influência da obra de Plutarco na tapeçaria flamenga.

O capítulo da autoria de Paulo Rodrigues intitula-se «Um percurso temático no tempo: As *Vidas Paralelas* de Plutarco e a pintura europeia do século XVI ao século XIX. Primeiras abordagens». Tal como no artigo anterior, temos de dizer que deveria ter havido um maior cuidado na redacção do título, pois logo a primeira frase do estudo vem contradizer o marco cronológico marcado pelo cabeçalho, ao dizer que a baliza cronológica irá do século XV ao século XVIII. Por outro lado, o título também não deixa adivinhar que metade do estudo estará dedicada à interessantíssima tarefa de definir o conceito, teórico e prático, da pintura da história. Com efeito, o autor, antes de abordar a influência da obra plutarquiana na pintura europeia, detém-se numa reflexão erudita e clara sobre a questão da classificação dos tipos de pintura na Idade Moderna e a sua hierarquia, o lugar da “pintura da história”, a sua teoria e prática, as suas peculiaridades e a forma como adapta uma narrativa linguística a um meio imagético estático. Estas deliciosas reflexões são de grande utilidade para o especialista em literatura pouco conhecedor das especificidades da história da arte. Três anexos completam este texto; neles apresenta-se uma listagem de obras pictóricas com temática baseada nas *Vidas Paralelas*, apresentadas, respectivamente, por ordem alfabética, por centúrias e por personagens representadas.

O último capítulo, cujo autor é Nuno Rodrigues, leva como título «*Least that's what Plutarch says*. Plutarco no cinema». Trata-se de um excelente e completíssimo trabalho que investiga e analisa as obras do cinema inspiradas na tradição plutarquiana. O autor distribui os filmes comentados segundo as personagens representadas, dividindo deste modo

o capítulo nas seguintes epígrafes: «Temístocles e Leónidas», «Alexandre», «Rómulo», «Coriolano», «Júlio César e os rapazes do seu tempo», «Espártaco», «António e Cleópatra». Não sabemos se a divisão em sete epígrafes tem a ver com o facto de estar a tratar a Sétima Arte, mas não seria de admirar num estudo que aprofunda de forma tão arguta a simbologia e que apresenta no título uma citação de *Sete noivas para sete irmãos*. A análise dos filmes é feita de forma completa, inteligente e amena, e é garantido que qualquer leitor devorará com avidez as saborosas anotações de Nuno Rodrigues, onde é possível encontrar: sérias fundamentações sobre a origem de cada uma das referências à obra do Queronense, feitas de forma directa ou indirecta, esclarecimentos sobre os motivos do sucesso de cada personagem em cada momento histórico, hermenêutica simbólica dos elementos tirados da tradição, justificação racionada das alterações propositadas à tradição plutarquiiana, explicação das alterações feitas de forma não intencional, elucidação das causas da boa ou má recepção do filme entre o público... Como salienta o autor, o estudo da adaptação da tradição clássica serve mais para perceber a época de quem adapta do que para compreender a tradição adaptada. Um anexo final apresenta, por ordem alfabética, todos os filmes baseados ou inspirados em Plutarco, com múltiplas informações sobre eles.

O livro fecha com um índice de fontes e outro remissivo. Para acabar diremos que, embora normalmente a leitura em papel seja mais agradável do que a leitura na rede, nesta obra específica este último tipo traz algumas vantagens. Com efeito, para tornar a publicação suficientemente económica, para garantir a sua viabilidade, não aparecem as imagens que seriam necessárias para acompanhar adequadamente o texto. Em lugar disso, os autores, sobretudo Luísa Ferreira, indicam em notas de rodapé as referências para encontrar na Internet as imagens mencionadas. Deste modo, a leitura no computador facilita a visualização de tais imagens. Mas, no ecrã ou em papel, trata-se de uma leitura amena e recomendada a qualquer estudioso da tradição clássica.

CARLOS DE MIGUEL MORA